

**Manifestação**  
 contra a política  
 de Sócrates e a  
 flexi-segurança.  
 Pq. das Nações  
 18 de Outubro

# MUDAR DE VIDA

jornal popular / apoio: uma moeda

Outubro 2007 / número 1

## **Mudar de Vida. Reerguer a luta contra o capital**

Manifesto do Colectivo  
 Mudar de Vida

separata

## **Crise imobiliária, sinal do declínio dos EUA**

No início de Agosto, a Bolsa de Wall Street perdeu mais de um trilião de dólares. Causa: o colapso do crédito de risco à habitação. Com o aumento recente das taxas de juro, muitas famílias norte-americanas faltam ao pagamento dos empréstimos. Os bancos perderam liquidez comprometendo os seus encargos e investimentos.

As autoridades monetárias estão em estado de alerta contra uma crise económica mundial.

página 9

## **Quatro anos depois**

Bush prepara mais uma  
 guerra, contando com  
 velhos e novos amigos

página 12



# **FLEXI-SEGURANÇA** **Patronato quer ditar** **todas as regras**



2003



2007

A crise monetária, com origem nos EUA, que alastra pelo mundo é mais uma ameaça às condições de vida dos trabalhadores. Travagem na produção, subida dos juros, aumento do desemprego, queda dos salários, mais pobreza - desmentem o optimismo que Sócrates afivela aos seus discursos.

Da riqueza produzida no país em cada ano, apenas 40 por cento paga o trabalho; os outros 60 por cento são apropriados pelo capital. Mesmo com baixo ritmo de crescimento, a riqueza não pára de aumentar, em volumes inéditos, nas empresas dominantes.

Não admira que as fortunas dos cem portugueses mais ricos tenham aumentado

mais de 35 por cento no último ano. É para assegurar continuidade a esta bombagem da riqueza para o lado do capital que o governo e os patrões querem impor novas condições de trabalho aos assalariados.

**A** flexi-segurança é o caminho para relações de trabalho sem regras - a não ser as que o patronato ditar. O objectivo é reforçar a escravatura assalariada. É inútil chamar à razão patrões e governo. Só há um meio de travar este processo: tornar a força de quem trabalha maior do que a força de quem explora. **páginas centrais**

## “As próprias pedras...”

Parabéns pela ideia e pela iniciativa.

O título da publicação, MUDAR DE VIDA, vale também como oportuna e exigente palavra de ordem para hoje. Por sinal, tem muito a ver com a palavra de ordem com que Jesus, o de Nazaré, há uns dois mil anos, iniciou a sua missão política entre os humilhados e empobrecidos do seu país. Aquele seu “Convertam-se”, na época, soava a MUDEM DE VIDA. E como Jesus não se ficou só pelas palavras ditas, mas sempre as fez acompanhar de fecundas ACÇÕES subversivas e conspirativas, depressa teve contra ele não só os do Poder e dos Privilégios, mas também a maioria dos humilhados e empobrecidos que não se mostraram dispostos a MUDAR DE VIDA. O que mais pretendiam dele era que ele resolvesse os problemas deles com MILAGRES. Felizmente, ele não foi por esse falso caminho. Mas já então não faltava quem fosse. E ele, porque se recusou a ir, só pôde acabar da maneira que sabemos.

Hoje, não será muito diferente de então. Temo por isso que a publicação MUDAR DE VIDA não chegue a ser o jornal popular que se propõe e tenha de contentar-se em ser o jornal de um núcleo de lúcidos e generosos militantes. Porque o povo prefere subsídios e bancos alimentares contra a fome. Senhoras de Fátima e futebol, esse que as SADs cotadas em bolsa lhe proporcionam a rodos.

Tereis (teremos) isso em conta. Por isso o vosso propósito é um acto de coragem nos tempos que correm. E se perseverardes neste propósito sem desfalecer, um mês após outro, um ano após outro, então o vosso propósito é um acto de heroísmo.

Alegro-me com o jornal. A cor deste n.º 0 (é para continuar?), faz lembrar um jornal de outros tempos que foram de muita humilhação, mas também alfofre de minorias de muita resistência política e de múltiplos combates políticos. Bem sei que são tempos que não voltam mais. Mas se hoje o jornal ajudar a despertar/congregar/mobilizar minorias com a fibra das minorias desses tempos, já valeu a pena ter nascido. É óbvio que é um feito muito difícil de conseguir, porque as minorias mais lúcidas e mais competentes, na sua maioria, já provaram dos Privilégios que o Poder oferece a quem o serve e agora não querem outra coisa. Ainda se movimentam, mas é pela conquista de novos e mais suculentos privilégios. Movimentem-se para ajudar a derrubar o Poder que lhes concede? Não contem com elas!

Mais uma razão para existir o jornal MUDAR DE VIDA. Porque se não se mobilizarem as minorias mais lúcidas e mais competentes da sociedade, mobilizar-se-ão de certeza as próprias pedras!

Estou convosco. Também com o meu afecto.

Mário (Macieira da Lixa)

## Blogue

Tomei contacto com o vosso jornal no 1º de Maio em Lisboa. Fiquei surpreendido pela qualidade da vossa publicação e pela justeza da vossa linha. Foi uma boa surpresa. Tomo por isso a liberdade de vos enviar alguns artigos relativos à situação da saúde em Portugal de um blogue que mantenho na Internet. Podem usá-los livremente como e quando quiserem. Escrevi-os para denunciar o desmantelamento em

marcha do Serviço Nacional de Saúde. (...) Podem, caso queiram, ler neste blog muitas mais descrições sobre o que se passa nos nossos serviços de saúde.

Ismael Pires

## Desigualdades

As desigualdades económicas e sociais voltaram de novo a aumentar em Portugal. Cerca de 25% do produto interno bruto



corresponde às grandes fortunas e aos ordenados supermilionários existentes. O governo socialista está a trabalhar generosamente bem. O capitalismo observa e agradece e, obviamente, também pagará bém...!

Fernando Barão (Amadora)

## Divulgar o MV

Vi hoje o vosso jornal e gostei muito da ideia. Gostava de saber como posso assinar e, dentro do que me for possível, irei tentar divulgar esta belíssima iniciativa.

Nica Paixão

## ESMAE, Porto

Chegou-me por um amigo a edição especial do MV que vai ser distribuída aqui na escola (ESMAE, Porto) e noutros sítios.

Rui Ferreira

## Perguntas com resposta

### Onde está a origem da crise?

Quando uma empresa está em tão más condições, que os direitos dos trabalhadores impedem a sua reestruturação e acaba tudo na falência, não é o trabalho que está a “explorar” o capital ?

**N**a relação do capital com o trabalho, “exploração” é uma noção precisa. Explorar significa apropriar-se de uma parte do valor produzido pela força de trabalho. No trabalho assalariado, o salário paga apenas **uma parte do valor** que o trabalhador produz. A diferença entre o valor do que foi produzido e o valor pago pelo capitalista em salários é uma **mais-valia** que o capital guarda para si. Com essa mais-valia paga as demais despesas da produção e o que sobra é **o lucro**. O lucro é, portanto, uma parte da mais-valia produzida pela força de trabalho. É esse lucro que faz crescer o capital. O capital vive, assim, à custa de **trabalho não pago** – portanto, não pode haver, por definição, exploração do capital pelo trabalho.

Quando os direitos adquiridos pelos trabalhadores num dado momento (valor dos salários, por exemplo) representam mais do que a empresa pode pagar de modo a ter lucro, isso significa que a dita empresa perdeu vantagens **na competição com outras empresas**, podendo chegar à beira da falência. Tal acontece quando uma empresa concorrente consegue produzir mais barato (por ter maquinaria mais moderna, ou explorar mão-de-obra de custo mais baixo, por exemplo). Nessa altura, esta empresa concorrente pode vender os seus produtos por preço mais baixo e ganhar mais quotas de mercado. Compensa a baixa do valor unitário do produto

com o aumento das vendas, retirando à outra empresa capacidade de realização de lucros. Não são, portanto, os direitos adquiridos pelos trabalhadores que inviabilizam uma empresa, mas **a concorrência entre capitalistas**.

Se os trabalhadores de uma empresa em crise aceitarem baixar os salários e perder direitos para manterem o emprego estão a produzir dois efeitos. Um é imediato: o **aumento da exploração** de que são alvo, uma vez que o capital passa a beneficiar de uma maior margem de trabalho não pago. Outro é a prazo: dão uma contribuição para o **abaixamento do valor médio dos salários**, obrigando outros trabalhadores a fazer o mesmo pelos mesmos motivos, e assim sucessivamente. A concorrência entre capitalistas gera, deste modo, **concorrência entre trabalhadores**. Em resultado final, será sempre o trabalho, no seu conjunto, a ser sacrificado para proporcionar mais margem de lucro ao capital, no seu conjunto.

Em nenhum caso, portanto - nem no exemplo particular de uma empresa, nem no que toca ao sistema económico como um todo - se pode dizer que a crise do capital resulte de um “excesso” de vantagens obtidas pelo trabalho; mas sim de um **excesso de capital** que não encontra aplicação lucrativa, ou, o que vai dar ao mesmo, de um **excesso de produção** que não encontra compradores.

## MUDAR DE VIDA

Redacção: Cristina Meneses, José Mário Branco, Manuel Raposo, M. Gouveia, Pedro Goulart **Colaboradores:** Carlos Simões, Celestino Braga, João Bernardo, João Repas, Rita Moura, Manolo, Manuel Chico, Manuel Monteiro, Renato Teixeira, Rui Pereira, Vítor C. Santos, Vladimiro Guinot **Fotografia:** João Soeiro **Site:** David Raposo

Apartado 75066 EC Calçada de Carriche 1750-999 Lisboa

jornalmudardevida@gmail.com www.jornalmudardevida.net

Assinaturas: 1 ano (12 números): 15 unidades / Apoio: o mais possível

# Fora do poder é a crise

## O chavascal no PSD é a imagem do próprio regime

**F**alar de “crise do PSD” só pelas revelações ou pelos insultos a que a zangá de comadres deu azo é ficar longe da verdadeira questão. Nada do que se viu nas últimas semanas é inédito ou

exclusivo dos social-democratas.

Os barões do PSD não se entendem porque perderam os lugares do poder mais rendosos. Administrar os negócios das classes dominantes paga e paga bem. Fora do poder é a crise. O CDS está em crise pelas mesmas razões e o PS passou pelo mesmo quando foi a vez dele de estar de fora (lembre-se a sucessão ineficaz de secretários gerais, de Constâncio a Sampaio, até que lá chegou a hora com Guterres).

Acresce agora um factor novo: o PS fez uma deslocação à direita que ocupou praticamente o campo político tradicional do PSD e do CDS. Isso torna mais distante a oportunidade de voltarem a S. Bento.

Os patrões deste país estão tão contentes com a prestação de Sócrates que se mudaram de armas e bagagens para a banda do PS. E vão manter-se assim enquanto puderem, para tirarem o máximo lucro da maioria absoluta.

Preteridos pelos seus financiadores de ontem, PSD e CDS vêem a mesada reduzir-se drasticamente e não conseguem dar emprego condigno aos seus quadros, que se impacientam. “Durante quanto tempo vamos ter de fazer o frete de *políticos da oposição* antes de chegarem os dividendos?”

Esta falta de liquidez é dramática. Basta lembrar os financiamentos do PSD pela Somague, ou do CDS pelo BES a troco de favores ministeriais para se avaliar quanto estarão a perder. Qual é o capitalista com juízo que vai investir milhões em forças políticas que não



Cadeiras à beira do abismo, Wkozak

detêm alavancas do poder? Financiamentos úteis são agora os que correm para os cofres do PS, como o dos mafiosos brasileiros do Bingo que deram uma ajudinha ao êxito eleitoral de Sócrates...

Eis, portanto, o fulcro da crise. Mendes, Menezes ou Portas (tão silencioso que ele anda...) bem podem inventar linhas políticas “alternativas”. Só quando o PS correr o risco de perder as eleições é que os senhores do poder deitarão mão de novo às rodas suplentes.

## EDITORIAL

### O mecanismo

**A** riqueza produzida no país reparte-se hoje à razão de 60% para o

capital e 40% para o trabalho - depois de ter chegado a meio por meio a seguir a 1974.

Bem reconhece o economista João César das Neves (professor, católico, de direita) que “a crise não é económica”. De facto, não é a produção, por si, ou a falta dela, que gera tamanha desigualdade.

Porque é que, mesmo com baixo ritmo de crescimento, a riqueza não pára de aumentar, em volumes inéditos, nas empresas dominantes?

O mecanismo que assegura esta drenagem maciça para o lado do capital é a própria estrutura social em que vivemos.

O capital não precisa apenas de ganhar. Tem de ganhar a um ritmo ditado, não pelo interesse das pessoas, mas pelas exigências da concorrência. Nessa “competitividade”, tão enaltecida, é que está a origem da riqueza e da pobreza.

Mal fazem, pois, os que se limitam a ver nesta privatização da riqueza um “abuso”, e daí deduzem, como política possível, a via de chamar à razão patrões e governantes. Infrutífero esforço.

O que faz a diferença entre a situação de agora e a de há 30 anos não tem a ver com a conjuntura económica, mas com a menor capacidade dos trabalhadores para arrancarem concessões ao capital. Só há um meio de inverter isto: tornar a força de quem trabalha maior do que a força de quem explora.

**C**om este número do MV é divulgado o manifesto

“Mudar de Vida - Reerguer a luta contra o capital”. Trata-se de um documento aprovado por um grupo de activistas políticos apostados em ajudar a abrir campo à luta que verdadeiramente faz falta: a que se opõe ao regime instalado, por ver nele a raiz da degradação da vida da maioria dos portugueses. Sem tal combate não há esquerda. É esta a nossa carta política.

## A realidade, por breves instantes

Jorge Coelho, dirigente do PS, lamentou o chavascal no PSD, dizendo, compungido, que “a democracia sai prejudicada”. Não. A democracia dos partidos do poder revela-se nestes momentos:

a compra de votos, as chapeladas, o apelo “às bases” só para decidir contendas de caciques, a escolha de líderes sem programa e a realização de congressos sem poder de decisão, a promessa de

medidas populares para rasgar mal fecham as urnas. É durante todo o resto do tempo que esta realidade fica escondida, sob uma aparência de ordem, de seriedade e de dedicação ao bem comum inteiramente falsa.

## Encontro do *Mudar de Vida*

O primeiro encontro do MV decorreu a 16 de Setembro, em Montejunto, a cerca de 50 quilómetros de Lisboa. Mais de meia centena de amigos e apoiantes, de diferentes pontos do país, confraternizaram e trocaram ideias acerca do projecto do jornal. Foi um importante sinal de interesse e de apoio à iniciativa a que metemos ombros.

José Mário Branco e Tino Flores cantaram canções recentes e antigas dos seus reportórios, recebidas com o agrado de

sempre - como encorajamento à acção e como evocação dos valores radicais da esquerda.

Teve ainda lugar um passeio pela serra com visita à *Real Fábrica do Gelo*, monumento situado nas proximidades do local.

O êxito do encontro faz-nos crer, ainda mais, na viabilidade de levar por diante o projecto do MV. E sugere que, daqui a um ano, teremos melhores condições para repetir a iniciativa - de preferência com muitos mais convivas. Basta que cada um traga um amigo também.



# Tratado da UE. Golpe em marcha

## Cavaco, Sócrates e agora também Menezes querem fazer passar o tratado da União Europeia sem referendo

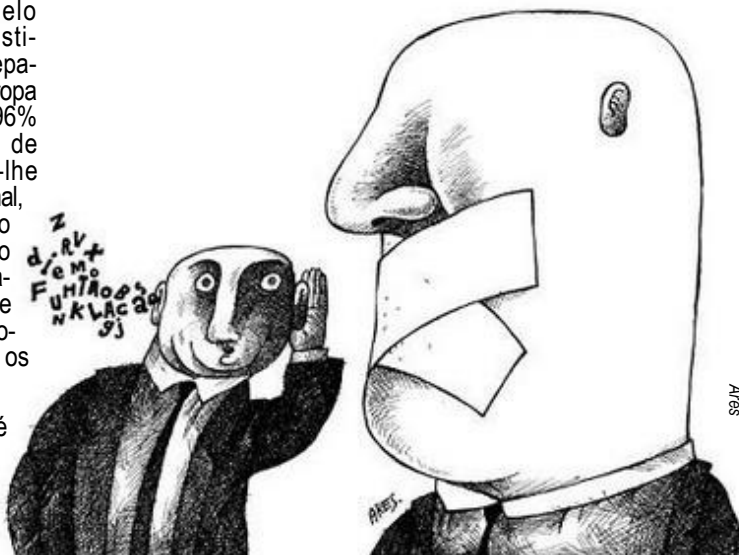
**P**ara resolver o impasse provocado pelo chumbo da Constituição da UE, prepararam-se agora os donos da Europa para aprovar um texto em 96% igual ao anterior. Em vez de “Constituição” chamaram-lhe “Tratado”. Com este truque fomal, os governos podem aprová-lo com uma simples ratificação parlamentar, o que evita a realização de referendos em que poderiam ser novamente derrotados, expropriando assim os povos do direito de opinião.

No Parlamento Europeu, José Sócrates afirmou que “os parlamentos têm legitimidade para aprovar Tratados e para o fazer em nome dos povos” e, no nosso Parlamento, declarou não aceitar “que se diga que a ratificação por via parlamentar não é democrática”. De facto, basta, para ratificar um Tratado, a maioria dos representantes dos cidadãos, neste caso, os deputados do PS. O mesmo partido que – para seduzir um eleitorado cuja vida é cada vez

mais regida por leis definidas em Bruxelas e Estrasburgo –, no programa com que se apresentou às legislativas de 2005, dizia: “O PS entende que é necessário reforçar a legitimação democrática do processo de construção europeia, pelo que defende que a aprovação e ratifica-

ção do Tratado deva ser precedida de referendo popular, amplamente informado e participado”. Para compreender a dimensão do logro que está a ser urdido pelos eurocratas e em breve será concretizado, consulte-se a página internet [www.openeurope.org.uk](http://www.openeurope.org.uk).

**M. Gouveia**



## Vetos e votos

**O** espectáculo da política corrente no país teve uma animação inusual no mês Agosto, em razão dos três vetos presidenciais a outros tantos diplomas legais. Cavaco Silva, depois de um idílio não muito prolongado mas intenso com Sócrates, parece estar a dar sinal de que, também para ele, alguma coisa não estará bem.

Nos três vetos há duas situações diferentes. Uma é a da lei que fixava o chamado “regime de responsabilidade civil extracontratual”. Trata-se de dar oportunidade aos cidadãos para imputar judicialmente responsabilidades ao Estado. Cavaco vetou, por rezear a sobrecarga de queixas de cidadãos nos tribunais e pelo facto de o impacto das eventuais indemnizações que o Estado tenha de pagar aos queixosos não estar estimado. Esta lei fora aprovada por unanimidade no parlamento. Não era propriamente uma “lei-PS” e constitui, politicamente, uma situação à parte.

PS eram, sim, as outras duas. A lei orgânica da GNR que ‘socratizava’ o seu controlo e militarizava (ainda mais) aquele corpo paramilitar, ao mesmo tempo que criava uma espécie de carreira paralela e simplificada na formação de oficiais gerais próprios da Guarda. Algo de semelhante aos cursos de bolso para engenheiros que depois não são reconhecidos pela Ordem. E por fim, o veto do sensível Estatuto dos Jornalistas, dúvidas

presidenciais em especial a respeito das quebras do sigilo profissional e quanto à regulamentação do acesso à profissão (ver texto no MV on line).

O PS, com um sorriso indistintamente amarelo, tenta reduzir o assunto a uma suposta normalidade, como se, por tradição, os presidentes da República não tivessem outro hábito no mês de Agosto que não fosse vetar leis governamentais, umas atrás das outras.

Ora o sentido mais profundo destes vetos não parece, contudo, ser o passado das suas razões, mas o futuro das suas intenções. Com o PSD a dizer que quer uma redução imediata no peso do assalto fiscal que o PS lançou sobre a empobrecida sociedade portuguesa, é da máxima evidência que o Governo se prepara para o fazer apenas nas vésperas das eleições.

Como Sócrates parece cumprir a pior tradição demagógica-eleiçoeira e também a de que uma “maioria absoluta” dos (escassos) votos expressos significa uma tirania privada de quem a conseguiu, Cavaco poderá estar a tentar, com as armas de que dispõe, e até perante os seus, disciplinar a insaciável e pouco escrupulosa vontade de reprodução do poder PS.

Será apenas uma ajuda às oposições parlamentares, ou tratar-se-á de uma (sem dúvida surpreendente) tentativa de introduzir alguma higiene no jogo político socialista de inédita maioria? Em qualquer dos casos, Sócrates e o PS parecem ter algumas razões para se preocuparem. Pelo menos por via das dúvidas.

**Rui Pereira, jornalista**

## BREVES

### Norte: desemprego recorde

O desemprego no distrito e na área metropolitana do Porto atingiu o valor mais elevado nos últimos 20 anos, atingindo 9,5%. No distrito de Braga, o desemprego ameaça cerca de 50 mil pessoas. Aumenta o número de trabalhadores com salários e subsídios em atraso, por vezes acima dos 60 dias. Na região norte residem cerca de 40% (cerca de 101 mil) dos 263 mil beneficiários do subsídio de desemprego. Destes, 62% são do distrito do Porto. Os números, fornecidos pela Segurança Social, reportam-se ao final de Junho de 2007.

### Números desdizem Sócrates

Os despedimentos colectivos dispararam neste primeiro semestre, subindo 90 por cento face ao mesmo período de 2006. 123 empresas recorreram à lei dos despedimentos colectivos para rescindirem cerca de 1400 contratos de trabalho. Os picos foram atingidos em Janeiro (745 despedimentos) e em Maio (528 despedimentos), segundo o Gabinete de Estratégia e Planeamento. Foram ainda iniciados em Maio 22 processos de despedimento colectivo abrangendo 1.481 trabalhadores, 408 dos quais com vista ao despedimento. Sócrates, em declaração à SIC, afirmou, sem se rir: “O desemprego tem vindo a diminuir ao mesmo tempo que as ofertas de emprego estão a aumentar”.

### Lucros sobem na hotelaria

Os estabelecimentos hoteleiros registaram proveitos totais na ordem dos 808,2 milhões de euros durante o primeiro semestre de 2007, crescendo 6,9% face ao apurado no mesmo período de 2006.

### Jovens sem trabalho

A taxa de desemprego nas camadas jovens – trabalhadores com menos de 25 anos – registou um aumento de 17,8% para 18% entre Maio e Junho.

## BREVES

## Fortunas

Belmiro de Azevedo mantém liderança entre os 100 mais ricos do país. As 100 maiores grandes fortunas portuguesas valem 34 mil milhões de euros, o que equivale a 22,1% do Produto Interno Bruto (PIB). Isto corresponde a um aumento de 35,8% face a 2006. Os rendimentos do trabalho, esses, correspondem hoje apenas a 40% da riqueza produzida, longe da média europeia (51%). A descida tem sido contínua desde os anos seguintes a 1974, em que atingiram cerca de 50%. Em 1995, depois dos governos de Cavaco tinham descido para 44%. E em 1998, no governo Guterres, caíram para 42%.

## Reformas de luxo

Nos fins de 2006 havia 3.454 pensões milionárias na Caixa Geral de Aposentações, superiores a 4.000 euros mensais. Que os beneficiários acumulam com outros rendimentos provenientes do capital e/ou do trabalho. Trata-se de um conjunto de pensionistas privilegiados, constituído essencialmente por magistrados, políticos, professores catedráticos, diplomatas e militares. Entre outros: Rodrigues Maximiano, magistrado, Alfredo Silva, ex-presidente do Tribunal de Contas, Eduardo Catroga, ex-ministro das Finanças, Luís Filipe Pereira, ex-ministro da Saúde e Alberto João Jardim. Isto, enquanto os vários governos do capital têm vindo a recusar a reforma a funcionários públicos gravemente doentes, obrigando-os, alguns casos recentemente relatados, a trabalharem até à morte.

## Opção clara

Enquanto encerrava centenas de escolas no Centro do país (Aveiro, Castelo Branco, Coimbra, Guarda, Leiria e Viseu) – o que, além do desperdício de instalações, docentes e pessoal, significou um enorme prejuízo para os que só podem ter os filhos no ensino público – o Governo deu 85 milhões de euros de subsídios aos 59 colégios privados da região.

# Lucros da banca batem recordes

## 1488 milhões de euros não pagaram imposto em 2006

Os lucros da banca portuguesa cresceram 33,9% em 2006 face a 2005. São dados da Associação Portuguesa de Bancos que refere um resultado líquido de 2,3 mil milhões de euros para as 39 instituições financeiras a actuar no mercado português. Os elevados lucros da banca em 2006 foram conseguidos à custa da redução das despesas com pessoal, do forte aumento na cobrança de comissões e da manutenção da sua situação privilegiada em relação ao pagamento de impostos.

Segundo o economista Eugénio Rosa, em 2006 os lucros da Banca não sujeitos a impostos atingiram 1.488 milhões de euros, perdendo o Estado 409 milhões de euros de receita.

Nos primeiros meses de 2007, os lucros continuaram a crescer com valores superiores a 20%.



Este aumento tem ocorrido num quadro de subida das taxas de juro e de crescentes dificuldades dos portugueses em fazerem face às suas dívidas. Enquanto as famílias, os indivíduos e numerosas empresas se endividam fortemente, a banca engorda escandalosamente.

P. Goulart

# O Bloco na esfera do poder

Eduardo Arroyo

**O acordo entre o PS e o BE para a Câmara Municipal de Lisboa tem dois efeitos políticos imediatos: ajudar a viabilizar uma maioria que António Costa não obteve nas urnas; e dar a Sócrates a (possível) aura de esquerda de que precisa para levar a termo a sua governação de direita. Nada de comparável com o que o BE pense ter obtido no interesse da população de Lisboa.**

Levar à prática medidas minimamente eficazes para mudar a situação da população de Lisboa exigiria uma força política de que o BE não dispõe (nem toda a esquerda junta) e uma vontade contrária à do PS. É que a questão não está na qualidade ou na novidade técnica das propostas, mas na força política para as aplicar.

**Faltando esta base política, nenhuma viragem “à esquerda” estará em causa, mesmo no plano da mera eficácia reformista. Nem podia ser de outro modo, porque os votos que elegeram Sá Fernandes não constituem uma força de massas que permita alterar as regras do jogo. Para compreender isto bastava tomar a sério o facto de todas as candidaturas, BE incluído, terem perdido eleitores e de o actual poder municipal resultar de uma abstenção recorde.**

**Mais sobressai, assim, o elevado preço político do acordo. A esquerda não só não ganha nada, como perde – na medida em que o acordo é lido como uma declaração de confiança no PS. Uma oposição de esquerda, pelo contrário, teria tudo a ganhar com a denúncia do que, seguramente, vai desenrolar-se; porque o PS não vai alterar a política dos seus antecessores na Câmara, nem a que ele próprio tem levado a cabo no país. Não é essa, aliás, a lição principal da maioria absoluta obtida pelo PS nas últimas legislativas?**

**Iludido com a força que julga ter na conjuntura, muito dividida, das forças eleitas para a Câmara, o BE partiu para um acordo que tem por desiderato colocá-lo na esfera do poder. Para já, em Lisboa; mais tarde, eventualmente, no que toca a governar o país. Porque – isso é inequívoco – o BE deu um sinal de que está pronto para alianças mais substanciais. Este passo significa que o Bloco vai ter de ponderar ainda mais o que diz e o que propõe. Vai ter de abandonar por completo o ataque às bases do sistema político, económico e social, e ser mais “positivo” e “construtivo”.**

**As tensões entre as tendências que acham que se “avançou pouco” e as que pensam que se foi longe demais são inevitáveis. E é da experiência que, em situações de aproximação ao poder, ganham terreno as forças capazes de “demonstrar” que,**



havendo êxito, ele é fruto dessa aproximação; e, havendo insucessos ou ganhos políticos limitados, eles são resultado de “radicalismo” e “sectarismo” remanescente, só corrigível com novos gestos de aproximação e de participação no poder.

**A postura de força política “alternativa ao PS” que o BE foi difundindo de si próprio significa, à luz da presente trajectória, não propriamente a disposição para atacar a partir de fora, sem compromisso, o sistema de que o PS é hoje o principal gestor – mas a disposição para ocupar o espaço deixado vago, à esquerda imediata do PS, pela deslocação deste para a direita.**

M. Raposo

# Flexi-segurança, escravatura assalariada

V. Guinot



**Flexi-segurança é caminho para relações de trabalho sem regras.**

**Horários, mobilidade, despedimentos, contratação polivalência - tudo dependerá, na prática, do arbítrio dos patrões.**

duplicação das despesas, também as relações familiares vão ser fortemente prejudicadas com esta medida. No fundo, o conceito da família tradicional, acaloradamente defendida pela burguesia e pela igreja, é uma vez mais lançada ao lixo como coisa perfeitamente dispensável.

**Polivalência, pois claro!**

A polivalência vai obrigar o trabalhador a executar, sob pena de perder o emprego, tarefas diferenciadas que podem não ter nada

**O** que caracteriza a flexi-segurança é a desregulação quase integral das relações de trabalho, deixando ao arbítrio dos patrões a sua definição. Os prejuízos para os trabalhadores vão muito além do que o Código Bagão impõe. Daí que o próprio Bagão viesse a terreiro afirmar que jamais se atreveria a tanto.

## Despedir à vontade.

Patrões e governo querem impor a liberalização dos despedimentos. Ou seja: o patrão pode despedir o trabalhador quando entender, invocando (ou não) qualquer motivo para tal. Até o pensamento político pode estar na "razão" do despedimento.

Esta medida contraria o princípio constitucional que proíbe o despedimento sem justa causa.

## Morte da contratação colectiva.

Querem também acabar definitivamente com a contratação colectiva. Com a aceleração dos processos de caducidade dos contratos colectivos de trabalho, o governo retira aos trabalhadores um importante instrumento para a defesa dos seus interesses económicos colectivos. Todo o trabalhador ficará sujeito ao contrato individual de trabalho que pode incluir condições inferiores às consignadas no Código do Trabalho.

## Horas de trabalho? Todas!

Visam transformar as 24 horas do dia em tempo de trabalho normal. A Comissão do Livro Branco do Trabalho, nomeada pelo governo,

recomenda a eliminação, no Código do Trabalho, do preceito que estabelece o limite máximo do tempo de trabalho diário (8 horas), mantendo tão só o limite semanal de 60 horas. Aos trabalhadores será exigido que trabalhem, por dia, as horas que ao patrão convenha e nos dias que lhe dá mais jeito. Querem que se trabalhe o mais possível quando há encomendas; e que se folgue quando não as há. Ou seja, rendimento máximo da mão-de-obra, com um mínimo de mão-de-obra empregada.

O patrão beneficia duplamente com esta situação, pois não terá de pagar horas extraordinárias, valor que constitui um rendimento extra considerável para os trabalhadores.

## Desemprego? É para aumentar!

O aumento do tempo de trabalho diário vai ter incidência directa no aumento do desemprego. Uma vez que o trabalhador é obrigado a trabalhar mais horas por dia, o patrão não vai admitir mais ninguém para completar a "sua" jornada de trabalho e até se pode dar ao luxo de despedir uns quantos. Por outro lado, a concorrência entre os trabalhadores pelo posto de trabalho vai agravar-se, o que levará à aceitação de condições e remunerações bastante inferiores às que seriam normais em situação diferente. Logo, os salários e os direitos vão continuar a diminuir.

## Mobilidade à vontade.

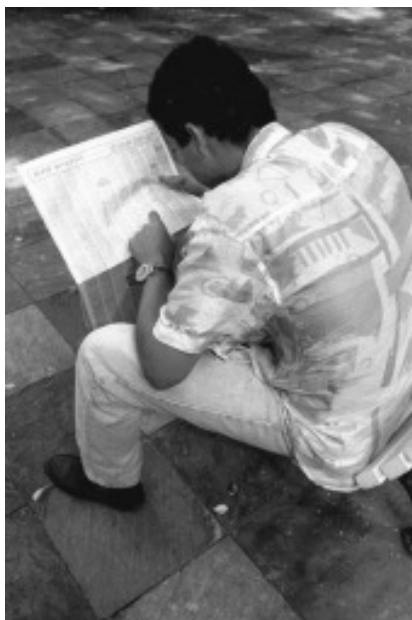
Pretendem obrigar os trabalhadores a trabalhar em qualquer parte do país, de acordo com as necessidades das empresas, sem paga acrescida. Para além do empobrecimento das famílias, que resultará da

## Um forte desafio ao movimento sindical

O que está em curso é uma violenta ofensiva dos patrões contra os direitos de quem trabalha. O governo é o administrador de serviço.

Mas os trabalhadores podem derrotar o projecto de flexi-segurança. Assim consigam construir uma unidade combativa e solidária, que neutralize os puxa-para-trás. E saibam conduzir a luta com determinação, até atingir os objectivos para que foi iniciada. A adesão de um milhão e quatrocentos mil trabalhadores à greve geral de 30 de Maio, e as grandes manifestações contra a política do governo, tornaram claro que uma grande parte dos assalariados está descontente e disposta a fazer frente a Sócrates. É essa a base para reerguer o movimento que começou a manifestar-se no final de 2006.

A resposta do capital à crise é mais exploração e empobrecimento dos assalariados. Contra isso, os trabalhadores precisam de lutas mais radicais. Contribuir para levantar um movimento popular e laboral de contra-ataque à ofensiva do capital implica rejeitar a política de panos quentes e de submissão dos interesses dos trabalhadores aos interesses do patronato. É esse o desafio que está posto ao movimento sindical.



a ver com a sua profissão original - ser pau para toda a obra. Pretende-se, assim, aliviar o patrão da obrigação de contratar mais pessoal para substituir trabalhadores ausentes (por doença, gozo de férias, etc.), permitindo-lhe multiplicar a carga de trabalho dos restantes.

### **Subsídios, só para administradores**

A integração dos subsídios de férias e de Natal num salário global anual, correspondente a doze meses, criará uma ilusão, passageira, de aumento imediato que será comido rapidamente pelas negociações salariais individualizadas.

### **Menos férias e feriados**

O governo, a pedido dos patrões, pretende diminuir o tempo de férias. O Livro Branco recomenda ao governo que os 25 dias úteis de férias, actualmente em vigor, sejam reduzidos para 23, por considerar "globalmente negativo o regime da majoração das férias".

Também quanto aos feriados, o governo tem na forja um projecto que visa a redução do número de feriados nacionais e municipais assim como a transferência de datas das efemérides para os dias imediatamente anteriores ou posteriores aos fins-de-semana, diminuindo assim as pontes. Na prática, isto significa, em relação à situação actual, um aumento da carga de trabalho sem mais remuneração.

**Q**uanto à segurança... o governo acena com a promessa de garantir aos desempregados um subsídio temporário de desemprego, mas não revela nem o valor, nem por quanto tempo será pago.

Na Dinamarca, o exemplo da flexi-segurança exibido pelo governo de Sócrates e pelos patrões, os subsídios de desemprego tinham a duração de nove anos e agora passaram para quatro; e o seu valor médio baixou de 90% para 80% do salário. Sem esquecer que estão excluídos deste sistema os trabalhadores menos qualificados e os imigrantes.

Que valores estarão reservados para os trabalhadores portugueses, se a protecção ao desemprego no nosso país ronda, presentemente, os 25% da média europeia?

# Transtejo. Trabalhadores exigem que a administração anule processos disciplinares a grevistas

Solidariedade da Soflusa e vitória no Metro dão alento à luta

## [entrevista]

**Na sexta-feira, 14 de Setembro, os trabalhadores de Transtejo decidiram avançar para formas de luta mais radicais.**

**Relembramos que estavam em greve a todo e qualquer trabalho extraordinário desde 23 de Julho, reclamando a abolição das sanções abusivas aplicadas pela administração aos 58 trabalhadores que, na greve geral de 30 de Maio, se recusaram a cumprir os "serviços mínimos" impostos pela empresa.**

**O plenário, realizado no barco S. Jorge, em Cacilhas, com uma participação recorde de delegados dos trabalhadores, decidiu manter a greve ao trabalho extraordinário, acrescentando mais duas horas de greve total por sector e por turno, até que a administração anule todas aquelas sanções.**

**O diálogo que aqui reproduzimos resultou de uma entrevista com alguns trabalhadores da empresa que, por receio de represálias da entidade patronal, preferiram manter o anonimato.**

### **Os trabalhadores recusaram-se a cumprir os serviços mínimos?**

Os serviços mínimos que a administração nos quis impor iriam permitir a circulação, praticamente normal, de todas as embarcações, cumprindo com as carreiras regulares. Isso não são serviços mínimos, são serviços máximos! Nós tínhamos piquetes preparados para assegurar a ligação entre as duas margens do Tejo se fosse absolutamente necessário. Por exemplo: se houvesse um acidente na ponte 25 de Abril.

### **O dinheiro "extra" que vocês recebiam com o trabalho extraordinário, e que agora não se vê no final do mês, chegou a ameaçar a vossa luta?**

Nunca! O sacrifício é grande, os nossos salários são baixos, só as horas extras ajudam a "compor" o orçamento familiar. Contudo, a nossa solidariedade colectiva com os trabalhadores perseguidos nunca esteve em causa, antes saiu reforçada com a atitude dos nossos camaradas da Soflusa que manifestaram a sua solidariedade e se recusaram a furar a nossa greve.

Também estávamos cientes que qualquer



recuo seria a derrota total, abrindo caminho para ainda mais repressão da administração sobre os trabalhadores. Esta luta é para levar até ao fim, e vamos ganhar!

### **Falaste da solidariedade dos camaradas da Soflusa. Existe alguma relação entre as duas empresas?**

Os trabalhadores da Soflusa estiveram sempre nos nossos plenários, através de delegados, que apoiaram sempre a nossa luta. O patrão é o mesmo - o Estado - que tem a tutela das duas empresas e pôs em curso um projecto de fusão.

Os trabalhadores já têm uma posição sobre o assunto: aceitamos a fusão desde que seja salvaguardado o que de melhor existe, em matéria de condições de trabalho e salário, nas duas empresas. O governo não pensa assim. A coisa vai aquecer!

Deixa-me dizer ainda outra coisa muito importante: quando estávamos em plenário recebemos a informação que os trabalhadores do Metro, que também estavam em luta pelas mesmas razões que nós, obrigaram a administração da empresa a recuar completamente, limpando a "folha" dos trabalhadores. Já não há processos disciplinares nem faltas injustificadas. Isso também nos deu grande alento! Já avançámos com o pré-aviso de greve, temos de esperar dez dias úteis, é de lei, e depois vamos para a greve das duas horas.

Para já, já temos um sinal da administração: convocou os nossos representantes para uma reunião. Nós é que não voltaremos para trás!

**V. Guinot**

# IVG. Resistência à lei vem da própria Ordem dos Médicos

**A resistência dos que foram contrários à lei da IVG continua - e requer uma resposta firme. As mulheres devem lutar pelos seus direitos, exigindo o cumprimento da lei nos serviços de saúde aonde se dirigem. Para se saber o que está legislado, aqui vai.**

A circular normativa nº 11/SR da Direcção Geral da Saúde determina que, independentemente da porta de entrada no Serviço Nacional de Saúde escolhida pela mulher, os hospitais e os Centros de Saúde devem garantir o atendimento atempado dos pedidos de interrupção da gravidez e o cumprimento dos prazos de lei. Têm igualmente acesso a estes cuidados as mulheres imigrantes residentes, independentemente da sua situação legal.

Compete aos responsáveis dos hospitais e dos estabelecimentos de cuidados de saúde primários a divulgação, a todos os profissionais que contactam com público, do circuito de atendimento definido. São essenciais: a definição dos horários das consultas (dias e horas); e a disponibilização de um número telefónico directo para a marcação de consulta.

Deve ser facultado o *Guia informativo sobre a interrupção da gravidez por opção da mulher*. O período entre a marcação e a efectivação da consulta prévia não deve ser superior a 5 dias.

Se for essa a vontade da mulher grávida, deve ser autorizada a presença de uma terceira pessoa nesta consulta.

Documentos a entregar à grávida: 1. Impresso para o *Consentimento livre e esclarecido*, sendo-lhe explicado o que deve ler e trazer assinado no dia da interrupção da gravidez. No caso de se tratar de menor de 16 anos ou psiquicamente incapaz, o consentimento é assinado pelo representante legal a quem devem ser facultadas todas as informações necessárias.

Mulher acorçada, Pablo Picasso, 1954



## Abortos na Ordem

Invocando "falta de segurança", o bastonário da Ordem dos Médicos pretende que os centros de saúde não realizem abortos (IVG) com medicamentos, acrescentando que tal prática "estimula as pessoas a considerar banal o que não deve ser banal". Disse ainda que a OM deveria "continuar a definir a IVG como algo negativo".

Diz a lei que, em casos que não levantem problemas, as IVG devem ser feitas nos centros de saúde, que contam com a complementaridade de serviços

hospitalares. O presidente do colégio da especialidade de obstetrícia/ginecologia, também da OM, defendeu que 90% da IVG medicamentos deveria ser feita em centros de saúde por ser um acto médico simples, e reduziu os "casos eventualmente problemáticos" a 10-12%. Perante tal disparidade de opiniões, a motivação do bastonário só pode ser de ordem político-ideológica, não tendo a ver com o próprio acto médico.

J. R.

2. *Guia informativo* sobre a interrupção da gravidez e impresso que completa a informação já fornecida sobre o método de interrupção acordado com a grávida (cirúrgico ou medicamentoso) e no qual devem constar a data da consulta prévia e a data prevista da interrupção da gravidez.

O período de reflexão (que não poderá ser inferior a 3 dias) corresponde a um tempo mínimo, podendo ser alargado a pedido da mulher.

Na posse do *Certificado de comprovação do tempo de gestação* e do *Consentimento livre e esclarecido* preenchidos, os serviços devem assegurar que a interrupção da gravidez se realiza no espaço de 5 dias, salvo se a mulher solicitar um período superior dentro do prazo legal. Os serviços devem ter disponíveis

para utilização imediata contra-ceptivos.

Deve ser sempre garantido o seguimento, no prazo de 15 dias, em consulta no Centro de Saúde ou hospital de acordo com o protocolo estabelecido na Unidade Coordenadora Funcional.

A circular normativa nº 14/DIR estabelece ainda que a comprovação de que a gravidez não excede as 10 semanas é certificada por médico, diferente daquele por quem ou sob cuja direcção a interrupção é realizada. O tempo de gravidez não pode ultrapassar 9 semanas e 6 dias com confirmação ecográfica.

J. Repas, médico

## OPINIÃO

### Ir mais longe

No concelho de Barcelos, duas centenas de trabalhadores regressados de "férias" (com salários e subsídios em atraso) encontraram as portas das empresas encerradas. Dos patrões, das mercadorias e da maquinaria nem sombras.

Escolas, centros de saúde, urgências hospitalares e maternidades foram encerradas. Aumenta o número de mortos a caminho de hospitais longínquos e de bebês que nascem nas ambulâncias. Milhares de crianças são obrigadas a acordar horas mais cedo para se deslocarem para escolas mais distantes.

Para a maioria dos trabalhadores, a *reentrada* apresenta-se, na melhor das hipóteses, na forma de mais trabalho com a mesma paga.

A resposta ganha dimensão aqui e ali. Em Merufe e Riba de Mouro (Monção) milhares de pessoas protestaram contra o encerramento das escolas e obrigaram o governo a "repensar". O mesmo em Vendas Novas (Alentejo), forçando a reabrir as urgências do centro de saúde.

Em várias empresas decorrem lutas por aumentos salariais, assumindo, algumas, contornos políticos - caso do Metro de Lisboa e da Transtejo, em greve contra a repressão a trabalhadores que recusaram cumprir os "serviços máximos" decretados pelas administrações, na greve geral de Maio. A administração do Metro já recuou; na Transtejo a luta prossegue e radicaliza-se; na Soflusa os trabalhadores recusaram furar a greve da Transtejo e ameaçaram também entrar em greve.

Protestos mais participados e mais firmes podem ter lugar e obter resultados. A jornada de luta em todo o país marcada pelo movimento sindical para 18 de Outubro é uma ocasião para dar um passo nesse sentido, se os exemplos de resistência aqui relatados forem seguidos noutras paragens. Se assim for, patrões e governo que se cuidem! Não há volta a dar, se queremos mudar de vida.

V. Guinot



**A** finança internacional e as autoridades monetárias estão em alerta para uma crise económica mundial. O alarme foi dado no início de Agosto quando a Bolsa de Wall Street perdeu mais de um trilhão de dólares em valores. A causa imediata da convulsão foi o colapso do regime de crédito à habitação "sub-prime." Face ao aumento recente das taxas de juro, muitas famílias norte-americanas estão a falhar no pagamento de empréstimos. Consequentemente, os bancos perderam liquidez comprometendo os seus encargos e investimentos. O banco central dos EUA, a Reserva Federal, injectou 62 milhões de dólares para suprir faltas de liquidez.

**Efeitos mundiais.** É importante a dimensão mundial da crise. Os bancos europeus têm avultados investimentos em fundos norte-americanos dos quais as "sub-prime" são uma componente. Um banco alemão de média dimensão, IKB Deutsche Industriebank, teve de ser salvo da falência, e mesmos os gigantes BNP Paribas, de França, e HSBC, do Reino Unido, admitiram dificuldades face à insolvência dos fundos norte-americanos. O Banco Central

# Crise imobiliária, sinal do declínio do capitalismo norte-americano

## Autoridades monetárias em estado de alerta para uma crise económica mundial

Europeu ofereceu 300 milhões de dólares à banca para assegurar liquidez na banca europeia:

**Pés de barro.** O domínio que os EUA detêm sobre os mercados financeiros não é acompanhado por dinamismo produtivo. Em 2000, para sair de uma depressão económica, as autoridades monetárias dos EUA desceram a taxa de juro, que em 2003 chegou ao mínimo de 1%. O crédito fácil estimulou consumo e investimento, financiando ainda a guerra no Médio Oriente. Como a produção nos EUA não acompanhou o vigor monetário, muitos dos dólares destinaram-se a importar produtos do Oriente e da Europa. E estes importadores investiram os rendimentos em Wall Street. Foi um período lucrativo para a banca e para as empresas norte-americanas que geriam os fundos estrangeiros.

**Insustentável.** Mas o crescimento da dívida externa e do défice comercial, tornou este regime



insustentável. A Reserva Federal, para repor o poder de compra do dólar, aumentou a taxa de juro, que em 2007 chegou a 5,25%. Para manter os lucros, a banca reviu as regras do empréstimo à habitação, diminuindo as exigências para a sua concessão. Jogava, assim, na expectativa de que os salários acompanhariam o acréscimo do juro. O crescimento da economia, contudo, contradisse este optimismo.

**Desemprego sobe.** Em Setembro o governo legislou incentivos fiscais para a renegociação da dívida das famílias. A Reserva Federal reduziu a taxa de juro para 4,75%. A banca passou a ser mais cautelosa na concessão de novo crédito. Mas estas medidas não garantem um final feliz. Os preços

das habitações desceram 4% e estima-se que possam perder até 15% do seu valor, o que seria um enorme abalo para a riqueza das famílias. Pela primeira vez em quatro anos registou-se em Agosto um aumento do desemprego.

**Prosperidade aparente.** A crise dos empréstimos "sub-prime" revela a fragilidade da economia norte-americana que mantém aparente prosperidade através do crédito fácil e do poder de compra do dólar. Mas estas são soluções temporárias, e os consumidores e empresas terão de aceitar uma perda real de riqueza. Os EUA perdem ainda capacidade para ditar a política económica mundial, sem recurso a aliados e à negociação.

Carlos Simões

## Os EUA na encruzilhada da Ásia Central

**O** governo de Bush, líder do processo de invasão e ocupação do Afeganistão, vê os "amigos", abandonarem-no: a Coreia do Sul e o Canadá vão retirar; Alemanha, Japão e Itália discutem a continuidade da colaboração naquela guerra; a França ambiciona uma actuação autónoma e, a par de declarações agressivas contra o Irão, desenvolve uma operação diplomática nos países do Cáspio, cujos petróleo e gás natural também são cobiçados pela Rússia e pela China e foram uma das razões da invasão pelos EUA. Isto, a norte do Afeganistão.

A sul, a situação é explosiva devido aos laços étnicos e religiosos tecidos entre o Afeganistão e o Paquistão. São uma humilhação para a maior potência do mundo as bases talibãs nas fronteiras afegano-paquistanesas

e o apoio popular que têm no Paquistão, a ponto de Musharraf, presidente paquistanês, ter de negociar a estabilidade do seu próprio exército.

O caso dos reféns sul-coreanos confirmou que a estratégia dos EUA na Ásia Central, tal como a do "Grande Médio Oriente", é um pântano e um abismo. As tropas atolam-se num terreno minado pela resistência dos povos, do fundamentalismo islâmico e dos senhores da guerra e pela incapacidade do governo de Cabul. Desenha-se a ameaça da ultra-islamização do principal aliado dos EUA na região, o Paquistão, levando Washington a ameaçar enviar tropas para lá. Perante as derrotas políticas e militares, a resposta é a fuga para a frente: a dinâmica de guerra do complexo militar-industrial e das companhias petrolíferas. Como no Iraque.

J. M. Branco

## Mais de 36 milhões de pobres

A pobreza afecta 36,5 milhões de norte-americanos, dos quais 35% são crianças, de acordo com o inquérito anual do Gabinete de Recenseamento dos EUA. Existem 12,8 milhões de pobres entre as crianças e jovens com menos de 18 anos e 8,7 milhões de crianças sem assistência médica. A pobreza afecta também 3,4 milhões de pessoas com mais de 65 anos.

Neste inquérito, a pobreza é definida por um rendimento anual abaixo dos 10.000 dólares (7318 euros), para indivíduos, ou 20.000 dólares (14.637 euros), para uma família de quatro pessoas.

No último ano, aumentou de 44,8 para 47 milhões o número de norte-americanos sem seguro de saúde, o que significa 15,3 por cento da população.

# A luta pela terra urbana e pela habitação no Brasil

Não há um, mas vários movimentos de sem-teto no Brasil: movimentos nacionais (Movimento Nacional de Luta por Moradia – MNLM), movimentos localizados por cidade (Movimento de Sem-Teto de Salvador – MST/BA) ou regiões (Movimento de Sem-Teto do Centro – MSTC/SP), ou organizados em torno de identidades de classe (Movimento de Trabalhadores Sem Teto – MTST/SP e PE, Movimento de Defesa do Trabalho e Moradia – MDMT/BA, Frente Internacionalista dos Sem Teto – FIST/RJ). Todos, invariavelmente, usam as ocupações de prédios e terrenos como forma de garantir recursos para a construção de casas populares ou requalificação de imóveis abandonados. Nisso têm tido relativo sucesso: basta ver a quantidade de recursos liberados pelo Governo Federal através de programas de titulação de terras e moradia popular, em especial o Programa Crédito Solidário – que, por ter como critério a organização associativa das famílias participantes com renda bruta mensal de até 1.050 reais, encontra seu principal “público-alvo” nos movimentos sociais.

Mas há alguns desafios na atual conjuntura. Como a Caixa Econômica Federal é o agente operador dos recursos destinados aos programas e exige escritura como pré-requisito para todos, isto leva os especuladores imobiliários a



Sebastião Salgado

forjar documentos para vender como suas terras que nunca tiveram. A violência urbana ronda as ocupações: a polícia estigmatiza, policiais à paisana aterrorizam (ver o recente assassinato de uma coordenadora do MSTS que fez denúncias sobre violência policial), o crime organizado não raro é vizinho dos movimentos e deseja as ocupações

urbanas como novas bases operacionais.

Há como escapar destes problemas? A resposta prática dos movimentos: “não sem uma luta que ultrapasse os limites da reivindicação de um bem de consumo, tal como a moradia”.

**Manolo**

“Anti-terrorismo” na Alemanha

## Académico detido sob acusação de cumplicidade intelectual

O sociólogo e professor universitário alemão Andrej Holm, 36 anos, foi posto em liberdade provisória para aguardar até Outubro a decisão judicial sobre o processo que a Procuradoria alemã lhe moveu por cumplicidade intelectual com uma organização listada como “terrorista”, o *Militante Gruppe*. Holm passou todo o mês de Agosto numa prisão de Berlim em regime de isolamento em cela fechada durante 23 horas por dia e encontra-se em risco de voltar a ser enclausurado.

**Léxico.** O despacho da Procuradoria alemã fundamenta

sintomaticamente a prisão pela existência de coincidências lexicais entre os textos académicos de Holm e os textos de documentos daquela organização. A polícia diz ainda que Holm se terá encontrado com um suspeito de pertencer ao *Militante Gruppe*, num momento em que não levava o seu telemóvel, o que confere, para as autoridades, um carácter “subversivo” a esse encontro. A Procuradoria diz ainda que a condição de sociólogo e académico, capacita Andrej Holm para poder ser o autor de alguns textos de boa qualidade intelectual do grupo. Holm, que é membro do



colectivo Attac, na Alemanha, era seguido há três anos, tendo sido, segundo a polícia, referenciado em manifestações anti-globalização.

**Solidariedade.** Nos meios académicos de todo o mundo desenvolve-se um vasto movimento de solidariedade com Holm, avultando entre os subscritores de uma carta de protesto dirigida à Procuradoria alemã, nomes como o do sociólogo Richard Sennet.

**Rui Pereira**, jornalista

## BREVES

### A prova do crime

A imprensa alemã publicou uma nota em árabe rabiscada e rasurada encontrada junto de uma das bombas que a polícia disse ter descoberto, em Junho, num comboio alemão. E destacou que, segundo a polícia, essa bomba era destinada a matar centenas de pessoas. O pedaço de papel foi o bastante para tirarem a conclusão de que o atentado era perpetrado “por muçulmanos”.

Os jornalistas alemães nem pensaram em mandar traduzir a nota. Se o tivessem feito, verificariam que se tratava de uma lista de compras (azeitonas, queijo fresco...) provavelmente deixada cair por um passageiro.



### Miséria em África

Segundo a OIT, mais de 260 milhões de trabalhadores africanos vivem com menos de 2 dólares por dia, mais de 78% do total dos trabalhadores em África. Espera a OIT que esta percentagem baixe para 76,4 em 2015, mas o número dos que vivem com aquele dinheiro aumentará para quase 317 milhões. A mesma situação ocorrerá com os trabalhadores que vivem com menos de 1 dólar ao dia: a percentagem poderá baixar de 46% para 44% nos próximos oito anos, mas o número absoluto passará de 153 milhões para 183 milhões.

### Também lhes dói

A crise no mercado de crédito imobiliário de risco dos EUA já atingiu os recursos humanos do sistema financeiro. Desde o início do ano, 35 830 pessoas perderam o emprego nos EUA devido à crise do sector imobiliário. O sector financeiro norte-americano já registou um corte que se aproxima dos 90 mil postos de trabalho este ano, o que representa um aumento de 75% face ao total de 2006.

5 a 7 Outubro  
II Encontro Internacional de Serpa  
**Civilização ou barbárie - Os desafios do mundo contemporâneo**  
Promovido pelo jornal *web* [www.odiario.info](http://www.odiario.info) e a Revista Vértice reúne pensadores, cientistas políticos e autarcas de 17 países africanos, americanos - com particular incidência nos latinos - e europeus, que contrapõem ao agravamento da crise do capitalismo, ao terrorismo de estado, às agressões imperiais e à comunicação social posta ao seu serviço, o socialismo como alternativa, a actualidade de Marx e Lenine, a revolução na América Latina e o poder local como factor de mudança social.

22 Outubro  
Concerto em Grândola  
**José Mário Branco, Paco Ibañez, Francisco Fanhais**, um concerto único de 3 guitarras num espectáculo organizado em conjunto pela Câmara Municipal de Grândola e a Associação José Afonso. [www.aja.pt](http://www.aja.pt)

23 a 31 Outubro  
Debates e exposições em Coimbra  
**Vamos falar de Habitação?**  
O propósito da Plataforma Artigo 65 é descentralizar as Jornadas da Habitação, que se iniciaram em Fevereiro em Lisboa.  
[www.plataformaartigo65.org](http://www.plataformaartigo65.org)

Até 4 de Novembro  
Mercado da Ribeira, Lisboa  
**Feira do Livro** no 1.º piso do Mercado, todos os dias entre as 10 e as 20 horas. <http://espacoribeira.pt>

**Letra Livre** Calçada do Combro 139, em Lisboa (Tel. 213 461 075). Novel livraria e depositária de edições. Destaque para «Poesia em verso», com textos de Rui Caeiro, Afonso Cautela e Vítor Silva Tavares e desenhos de Luís Manuel Gaspar. [www.letralivre.com](http://www.letralivre.com)

**Dê-nos conta de iniciativas que mereçam ser divulgadas. Escreva-nos, até meio do mês anterior à publicação, para: [jornalmudardevida@gmail.com](mailto:jornalmudardevida@gmail.com)**

## Torre Bela

Documentário de Thomas Harlan

Recentemente exibido no cinema King, em Lisboa, é um extraordinário documento sobre o trabalho e a vida dos trabalhadores rurais que ocupam uma herdade na Azambuja, propriedade do duque de Lafões. A exploração agrícola estava dedicada apenas à caça e empregava poucos trabalhadores; nas redondezas os desempregados são muitos e a vida é difícil.

As palavras do duque, dando a sua versão dos acontecimentos, são bem elucidativas da arrogância e da prepotência peculiares a muitos dos senhores da terra durante a ditadura fascista.

Trata-se de um documentário mili-tante, resultado da empatia criada entre o realizador e aquela gente trabalhadora e combativa. As contradições com que se defronta são próprias da luta de classes e daqueles que estão pela primeira vez envolvidos num processo desta natureza. E estão também na memória dos que participaram no grande movimento libertador de Poder Popular surgido em Portugal no pós 25 de Abril de 1974.

P. Goulart

## Homenagem à Catalunha

Livro de George Orwell, ed. Antígona, 2007

Neste livro, Orwell lança um olhar atento e perspicaz sobre a guerra civil espanhola, incidindo particularmente sobre as diversas forças que, no campo republicano, se opunham aos fascistas. Inclusive, ficamos a conhecer a evolução do pensamento do autor no decorrer de uma guerra de que era empenhado participante.

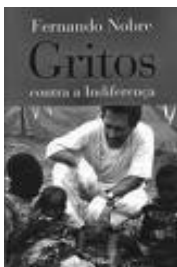
É uma visão rica dos acontecimentos que então se verificaram e que ajudará, certamente, os leitores a fazerem um juízo bem mais aprofundado da luta antifascista e dos métodos de intervenção política.

P.G.

## Gritos contra a indiferença

Livro de Fernando Nobre, ed. Temas e Debates

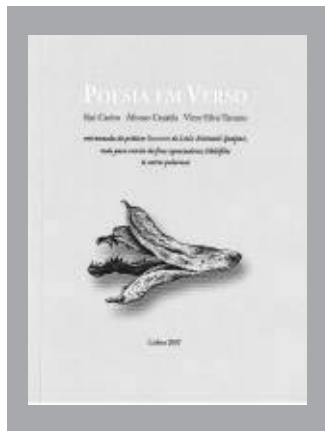
Fundador da Assistência Médica Internacional, o Dr Fernando Nobre tem-se destacado pela sua coragem e humanismo na luta contra a guerra e a pobreza e na defesa dos excluídos.



“Como não me inquietar quando vejo a paz global tão ameaçada e os Direitos Humanos tão espezinados? Como não interpelar quando assisto à degradação contínua do nosso planeta Terra e ao seu esgotamento, provocado por uma ganância louca, sem freio nem nexo! Como não me assustar quando penso nas tragédias em curso na Palestina, no Afeganistão e no Iraque... impotente perante as espúrias situações de Guantánamo e dos voos da CIA até na minha Europa ainda democrática?”

O autor levanta um conjunto de interrogações e inquietações comuns a muitos de nós. Pela nossa parte, não alimentamos ilusões quanto à resolução de tão graves problemas dentro do sistema capitalista.

P.G.



## Poesia em verso

Vários, Livraria Letra Livre

Saído agora este livro com textos de Rui Caeiro, Afonso Cautela e Vítor Silva Tavares. Com desenhos de Luís Manuel Gaspar. Interessante.

P.G.

## Tele Visões

### Eh pá, despediram o Mourinho...

Aquele russo tem má pinta. Sempre achei. Despediu o Mourinho. Mal ouvi, agarrei-me ao ecrã. Estou desempregado, sobra-me tempo. Todos os canais a falar do caso o dia inteiro. E nos seguintes. A maior parte do tempo não diziam nada, mas iam falando, falando. Sempre distrai. O homem merece que falem dele. Ao menos com ele fazemos boa figura. É o nosso Portugal lá fora. Nosso...OK, o deles, mas não faz mal. Se não forem eles quem fala de nós? Também me chateia o castigo ao Scolari. E outro que puxa pela malta: a bandeira, o hino, a senhora de Fátima. Mas o Mourinho mexe mais comigo. A SIC mostrou a casa dele. Um luxo, com colunas na entrada. Salas para tudo. Um grande jardim muito bem tratado. Carros, vi eu um Mercedes e um BMW. Pelo menos. E agora ficou desempregado, também. E não se sabe para onde irá. Com a indemnização vai aguentar-se. Mas é sempre um choque. Vejo por mim. Dizem que vai receber uns 30 milhões. Não sei se de euros ou de dólares. Ou da moeda inglesa. Seja o que for, é upa upa cá nas minhas contas. Nenhuma televisão falou muito disto. De como é que eles chegam a ganhar estas maquinas. De como é que o russo, e os outros, arranjam este dinheiro todo. Melhor assim. Doutra vez os miúdos perguntaram-me porque é que eu não ganhava uns milhões também. Respondi-lhes que isso não é para todos. Porquê, pai? Ora porquê...Sei lá. É assim. Não me chateiem. Desta vez foi o Orlando. Muito bom rapaz, mas nestas coisas é um chato. Só lhe disse: o homem ficou desempregado, já viste? Vira-se para mim: ai tens pena? Olha mas é p'ra ti, posto na rua sem um chavo. Vê lá se falam de ti... E mais isto e mais aquilo. Ó pá, ó Orlando, lá estás tu... Olha, enquanto falo disto não penso noutras coisas. Mal dormi, com a conversa do Orlando a atazanar-me.

Eugénio Silva

# Bush prepara nova frente de guerra no Médio Oriente

O Irão, rico em petróleo, é o alvo. Os pretextos usados em 2003 contra o Iraque são agora adaptados e usados contra o Irão. Silêncio de Sócrates é escandaloso

**O**s preparativos para uma guerra contra o Irão, ao que tudo indica, estão em marcha – em Washington, em Telavive e ...em Paris. De Lisboa, Sócrates, em nome de Portugal e da União Europeia, dá empenhados sinais de apoio à política terrorista de George Bush.

**Ponte aérea.** Factos recentes apontam o pior. Fontes do Pentágono e dos serviços secretos ocidentais confirmam a existência de pontes aéreas entre os EUA e as bases norte-americanas de Diego Garcia (no oceano Índico), de Djubuti (na costa do Mar Vermelho), de Al Udeid (no Qatar), do Iraque e da Ásia Central. Em Washington e em Tampa (Flórida) decorrem reuniões semanais dos estados-maiores dos EUA e de Israel.

**Sinais.** As suspeitas ganham mais crédito se atentarmos ainda noutros acontecimentos. Como assinala o semanário francês *Bakchich*, o assassinato de mais um deputado libanês da facção anti-síria permitiu aos EUA e a Israel acusar de novo a Síria (aliada do Irão) de ser responsável por “desestabilizar” a região. O último raide israelita a Dair el-Zor, na Síria, não terá visado uma instalação nuclear, como foi dito, mas testar os radares e as defesas anti-aéreas sírias (o raide foi acompanhado por aviões-radar norte-americanos Awacs). Contra o que é usual, o ataque palestiniano com mísseis à base militar israelita de Trilim, que causou 70 feridos, não motivou reacção do exército israelita que “se reserva para uma operação ulterior de maior envergadura”, segundo informações dos serviços secretos militares. Por fim, as ameaças de guerra ao Irão feitas pelo ministro francês dos Negócios Estrangeiros, em coro evidente com Sarkozy, estão a ser acompanhadas da deslocação de aviões Mirage de Duchambé (no Tajiquistão) para Kandahar (no Afeganistão), que seria uma das bases do ataque aéreo ao Irão a partir de Leste.

**O mesmo processo.** A inexistente bomba nuclear iraniana é o pretexto para nova guerra que os EUA



preparam às claras - mesmo se o presidente da Agência Internacional da Energia Atómica, que fiscaliza o programa nuclear iraniano, nega haver provas das acusações feitas pelos EUA e por Israel, agora repetidas pelo presidente francês. Não importa. Importa sim lançar a acusação e fazê-la passar por verdadeira. É o mesmo processo seguido para as “armas de destruição de massa” do Iraque: criar um motivo para a guerra, inventando o que for preciso para paralisar a opinião pública.

**A ameaça.** Porquê nova guerra? Primeiro, porque o Irão, mesmo sem bomba nuclear, aumenta o seu poder na região, contrabalançando o domínio de Israel. Esta tentativa de reequilíbrio de forças é sentida como uma ameaça pelos interesses ocidentais na região, policiada há 60 anos por Israel. Depois, porque o Irão possui, tal como o Iraque, reservas petrolíferas de primeira importância que não estão sob controlo ocidental. Finalmente, porque os EUA, atolados no Iraque, vêem num ataque ao Irão “a única saída honrosa” para a derrota, como argumenta a direita norte-americana, numa tentativa de voltar a dar as cartas do jogo.

M. Raposo



## Os fora-da-lei

Repetindo o expediente de há 5 anos contra o Iraque, o ministro francês dos Negócios Estrangeiros teve a falta de originalidade de exigir da “comunidade internacional” mais sanções sobre o Irão. Se existe uma comunidade internacional, boa ou má, é a que tem assento na ONU. Mas a ONU não vê razões para aplicar as sanções reclamadas pelo senhor Kouchner. Então, o mosqueiteiro, fazendo coro com Bush, ameaça lançar unilateralmente as sanções que entende. Contra a vontade da ONU, os actuais dirigentes franceses querem fazer passar a sua política imperialista por vontade... da “comunidade internacional”. Colocam-se fora da lei, como Bush e Blair em 2003.

O silêncio do governo português diante desta enormidade é um evidente sinal de consentimento. Mais. Sabendo-se que o governo português conhece perfeitamente os preparativos de guerra, os contactos de Sócrates com

Bush – em que expressou franco acordo com a política dos EUA – representam um claro apoio a uma nova ofensiva militar. Sócrates cumpre afinal o papel de Durão Barroso na cimeira das Lajes.

Os perigos da situação exigem uma oposição firme aos propósitos dos EUA, e isso quer dizer um repúdio igualmente firme à colaboração que Sócrates e o governo lhes presta. Este é um dos momentos em que todos os que se opõem aos planos imperiais norte-americanos e europeus devem unir forças e tomar posição pública.

M. R.

## Perder duas guerras contra “maltrapilhos”

O orçamento da Defesa dos EUA só por si representa metade do total mundial. Em 2005 os EUA foram responsáveis por 80% do aumento mundial das despesas militares. A sua despesa militar é 29 vezes maior que a soma das de Cuba, Irão,

Libia Coreia do Norte, Sudão e Síria (os “estados párias”, no dizer de Bush), 5 vezes o da China e 11 vezes o da Rússia. Em 2006, a administração Bush aplicou na Defesa 41% dos impostos pagos pelos norte-americanos. Para 2008 os

gastos atingirão 644 mil milhões de dólares.

Face a estes números, Ian Welsh, no blogue firedoglake.com, interrogava-se, como é possível os EUA “estarem a perder duas guerras contra maltrapilhos”.

**DITO**

Não há marcas de esquerda neste governo

António Arnaut, fundador do PS